

“Adorei as almas”: Umbanda, Preto-velho e escravidão.

LOURIVAL ANDRADE JÚN IOR*

Penetrar no universo religioso das manifestações de matriz africana no Brasil requer atenção e parâmetros mais flexíveis de análise, visto a dinâmica dos cultos e as hibridações que se constituíram em território nacional. Ao tentar buscar uma homogeneidade nestes rituais no Brasil corre-se o risco de cometer erros analíticos graves, pois a própria diversidade ritualística é uma das mais importantes marcas desta formação religiosa. A Umbanda, entre outras, está neste campo de múltiplas interpretações. Seu ritual se altera de tempos em tempos e mesmo num mesmo espaço religioso (terreiro, centro espírita, entre outras designações) existem enormes possibilidades de percepção das mediunidades e das formas de se dedicar aos Orixás e entidades. Cada casa de Umbanda possui sua própria roupagem e estímulos. Negar esta heterogeneidade e tentar formatar os ritos é ir contra a própria dinâmica umbandista.

Inicialmente a Umbanda, etimologicamente, se define como derivação de *m'banda*, que em quimbundo significa "sacerdote" ou "curandeiro". Ou seja, esta religião se apresenta como aquela que se dedica a cura. Neste caso cura tanto física quanto espiritual.

As origens da Umbanda no Brasil são polêmicas e as possibilidades também são imensas. Mas, oficialmente o dia 15 de novembro de 1908 dá-se como o nascimento de uma religião, dita brasileira. Zélio de Moraes, que já havia sido consultado por psiquiatras, pois dizia se comunicar com espíritos desencarnados, foi levado a Federação Espírita de Niterói que praticava o kardecismo e, ao participar da sessão, incorporou o Caboclo das Sete Encruzilhadas, mas não encontrou espaço dentro do ritual de Alan Kardec para se manifestar, já que estes, forjados nos conceitos europeus do século XIX buscavam através da ciência dar notoriedade e respeitabilidade as suas práticas de ver, falar, sentir e se comunicar com espíritos, e assim, consideravam estas manifestações como emanações de espíritos atrasados. No momento em que estes espíritos, os caboclos, não encontravam espaço no kardecismo, Zélio foi impelido a

* UFRN-CERES-DHC - Doutor

criar um novo espaço para as manifestações espirituais. Oficialmente nasceu a Umbanda.

Sabemos que esta data é apenas demarcatória, visto que as manifestações mediúnicas já eram relatadas em todos os cantos do país desde o século XVII, ampliando-se estas descrições com a entrada no Brasil dos negros vindos da África para servirem como escravos.

Podemos neste relato inicial inferir que a Umbanda é uma religião que coaduna várias manifestações da religião e da religiosidade, fazendo dela um enorme laboratório de pesquisa. Podemos perceber que ela possui elementos do kardecismo, do catolicismo (santos e orações), da pajelança (rituais indígenas) e das práticas dos negros que compõem a nossa genética cultural (principalmente o culto aos Orixás iorubanos). Não farei uma discussão dos Orixás que darão suporte ao nascimento do Candomblé no Brasil, mas obviamente que da mesma forma que o Candomblé é uma adaptação do culto dos Orixás que ocorriam em território africano, principalmente no Daomé (atual Benin) e na Nigéria (territórios de maioria Iorubá), no Brasil ele ganha contornos de abasileiramento e de flexibilidade, juntando num mesmo espaço Orixás que na África jamais poderiam estar juntos e no caso do Candomblé de Caboclo a presença de um espírito indígena brasileiro que em nada se refere à africanidade. Muitos admitem que neste caso dos caboclos, houve uma umbandização no ritual candomblecista.

Ao analisar as mudanças e introduções nos cultos mediúnicos e a relação entre magia-religião, o Professor Lísias Nogueira Negrão, produziu um trabalho memorável e indispensável para a compreensão da Umbanda em São Paulo, mas que pode ser utilizado para compreender esta religião em todo o país. Ao rever autores que discutiram a Umbanda nos coloca diante de algumas notas que precisamos reproduzir. Iniciando por Roger Bastide, informa que este, interpreta a Umbanda

Como sendo o resultado, no plano ideológico, da integração do negro proletariado à sociedade de classes brasileira do início do século. Em consequência, seguem-se os inevitáveis processos de moralização e racionalização de seus mitos e ritos e o surgimento de um corpo ético-doutrinário compatível com as vigências religiosas e morais. Esquecendo-se de que a Umbanda seria antes ideologia do que religião para este autor, o processo de passagem da Macumba à Umbanda seria homólogo ao da passagem da magia à religião, tal como o concebe Max Weber. Mais próximo ainda da perspectiva weberiana está Renato Ortiz que interpreta a Umbanda como simbolicamente representada na “morte branca do feiticeiro negro”, em que a sua legitimação social e os correlatos processos de moralização e racionalização significam a inelutável perda de seus conteúdos negros e mágicos, substituídos por práticas rituais e conteúdos ético-doutrinários brancos e cristãos. (NEGRÃO, 1996: 22)

O processo de hibridação e acomodação da Umbanda gerou novas práticas, inclusive a cristianização de algumas das antigas tradições africanas. Isto não pode ser entendido como

uma perda, mas sim como uma aglutinação de novos elementos. Ao mesmo tempo em que parece uma descaracterização de cultos milenares, a própria dinâmica da Umbanda e de suas entidades permitem estas novas formas de apropriação, não deixando que a essência mediúnica seja perdida. Tentar fossilizar estas manifestações é ir contra o caminho percorrido pelas religiões de matriz africana no Brasil, que por resistência ou necessidade, foram se ajustando e se mesclando a todas as outras religiões e religiosidades que tinham minimamente aproximações com seus cultos e deidades.

É importante notar que a Umbanda sempre foi uma religião periférica, ou seja, seus espaços de ritual ocupam as periferias das cidades, a periferia dos estudos acadêmicos e a periferia das políticas públicas em relação às religiões de matriz africana. Em muitos momentos o Estado foi absolutamente repressor das manifestações umbandistas e de suas práticas. Podemos aqui lembrar dois momentos. O governo Vargas, principalmente no Estado Novo, atuou de forma dúbia. Por um lado reprimia o culto por considerar uma manifestação rústica demais para os desejos desenvolvimentistas de Vargas chegando a criar em 1937 a Delegacia de Tóxicos e Mistificações, que tinha a finalidade de reprimir os cultos considerados de feiticeiros. Por outro lado, os assessores de Vargas em vários relatórios indicavam ao presidente que fosse mais condescendente com os umbandistas, principalmente com os pais-de-santo, pois eles possuíam um enorme séquito de seguidores que ouviam muito os seus conselhos e seguiam seus passos. O populismo varguista viu no pai-de-santo um excelente interlocutor para com as categorias sociais ainda não atingidas por suas políticas. Isto pode ser percebido em dois acontecimentos que marcam a história da Umbanda. Em pleno Estado Novo, 1939, cria-se a Federação Espírita de Umbanda (que buscava negociar com o estado o fim da repressão) e em 1941 realizou-se o 1º Congresso Brasileiro de Umbanda, que tentava dar visibilidade e divulgação a religião e, numa tentativa infrutífera, dar uma homogeneidade aos rituais no país.

Uma das características da Umbanda é sua diversidade, visto que cada terreiro estabelece seu ritual conforme as determinações do chefe da casa, ou seja, a entidade espiritual que é recebida pelo pai ou mãe de santo.

O segundo momento de repressão é a ditadura militar em que membros da Umbanda e de outras religiões mediúnicas foram presos e assassinados pelo regime militar. A repressão a estas práticas foi dura e muitos terreiros foram fechados. A liderança dos e das babalaôs (pais e mães-de-santo) incomodava os golpistas de 1964. Mas, também não podemos deixar de assinalar que muitos membros de terreiros eram ligados aos militares, inclusive médiuns pertenciam às forças armadas (na maioria dos casos constatados como filhos de Ogum, deus

guerreiro Iorubá e que no Brasil, em muitas regiões, foi associado a São Jorge). Neste caso, os terreiros que possuíam esta ligação direta ou indireta foram beneficiados por estas relações e até foram ampliados. Como vimos no Governo Vargas, posições dúbias.

Parece-nos indiscutível que a Umbanda é uma religião inclusiva, na medida em que não descarta nenhuma das manifestações espirituais negadas por outras religiões mediúnicas. Além do panteão apreendido dos negros africanos, incorporou personagens autóctones como os índios (caboclos), da rua (exus, pombagiras, ciganos, entre outros) e negros que sofreram nas senzalas do país (pretos-velhos).

Corroborando com esta análise, Concone ao estudar alguns dos tipos presentes nos rituais de Umbanda (caboclos, pretos-velhos, baianos, boiadeiros, ciganos, Zé Pelintras, cangaceiros, pombagiras, exus) conclui que

É exatamente aqui que está o grande interesse da religião umbandista: o fato de mergulhar tão profundamente na realidade brasileira, de buscar aí sua fonte de inspiração, transformando em símbolo figuras do cotidiano popular e buscando a seu modo o seu significado mais profundo. (CONCONE, 2004: 282)

Tanto o preto-velho quanto o caboclo, cumprem um papel bastante relevante nos rituais umbandistas. As suas gestualidades e posturas físicas nos trabalhos mediúnicos, são muito diferentes. O primeiro, normalmente curvado para frente, andar lento e pesado, fala baixo, usa alguns objetos (rosários ou terços, cruces ou crucifixos, cachimbo ou cigarro de palha, bengala, entre outros). Já o segundo, apresenta-se ereto, anda e dança com agilidade, emite brados e fala mais alto, e pode ser visto utilizando alguns objetos como arco e flecha e cocares.

Os dois tem em comum a especialidade de ajudar os consulentes nos casos de saúde. O preto-velho ainda é procurado para dar conselhos e ajudar na resolução de conflitos, nunca acusando, mas sim buscando o entendimento entre as partes.

O próprio nome já os identifica. Os pretos e pretas-velhas (os cacurucaios - ancião em quimbundo) são os homens ou mulheres africanos ou afro-brasileiros que ao viverem nas senzalas as mazelas da empresa escravocrata eram os conselheiros e curandeiros de seu grupo social. Neste caso a assimilação destes negros ao novo país foi determinante para sua sobrevivência, mesmo que em condições precárias. Negros que na África não possuíam contato, inclusive religioso, nos tumbeiros e no cativo forçado no Brasil, foram obrigados a se encontrar e se compreender.

Vale lembrar que a ancestralidade é um elemento fundamental para compreender os povos africanos e quando utilizamos os conceitos de sociedades gerontocráticas constatamos que os anciãos ocupam um lugar de destaque na hierarquia social africana, obviamente não impedindo a disputa de espaços pelos mais jovens.

O ancião é aquele mais próximo das divindades, é o que se comunica com o transcendente através dos oráculos e comunica a todos os seus presságios. Outro fator determinante na cultura africana é o tempo mítico, onde o passado e o presente andam juntos.

No campo religioso católico, os negros tem um papel determinante na compreensão da hibridação forjada no Brasil colonial. Aceitações e proibições tinham caráter dúbio, principalmente para os negros que se viam obrigados a abandonar suas crenças e rituais e ao mesmo tempo se integrar ao mundo católico que se impunha na colônia portuguesa.

É notório o comportamento da Igreja Católica no tocante a escravidão indígena. A oposição e o trabalho dos jesuítas de alguma forma desmobilizou a escravidão indígena e na mesma direção fortaleceu a escravização de negros africano. Não havia por parte do clero qualquer interesse em impedir a escravidão negra, visto os próprios espaços de propriedade da igreja estarem cheios de escravos vindos da África. Os jesuítas mantinham os aldeamentos indígenas com a produção de suas fazendas onde o trabalho escravo era utilizado em larga escala.

Nos discursos proferidos pelos clérigos em apoio à escravidão negra, era constante a alegação que no Brasil os negros seriam libertados do paganismo. Ficar na África cultuando seus deuses ou os deuses dos povos que os escravizavam em território africano, os levaria indubitavelmente ao inferno e que o batismo os salvaria da perdição eterna.

Da mesma forma, o sofrimento que passavam os negros escravos nas lavouras, engenhos e senzalas, era a forma de purgar todos os seus pecados anteriores ao batismo cristão. A morte de um negro batizado faria com que sua alma seguisse os mesmos passos que as almas dos brancos batizados percorreriam, inclusive com direito a purgatório e o paraíso, sendo este último, muito mais medido pela obediência ao senhor (dono) em vida do que pela sua fé resignada. O conformismo era um dos procedimentos mais destacados para se alcançar a salvação da alma deste negro que por imposição foi retirado de sua cultura e de suas práticas religiosas.

Esta relação entre batismo (religioso) e o conformismo (político-social) já se observava na vinda destes negros ao Brasil. No embarque no continente africano, principalmente na África Atlântica, os negros eram batizados antes de adentrarem ao tumbeiro, ainda em terra, eram marcados a ferro com a marca da coroa portuguesa. Este

marcar a ferro em brasa, como gado, continha duas informações. A primeira era que o negro efetivamente já havia sido batizado. A segunda se referia que o pagamento do imposto a coroa por negro embarcado já havia sido realizado. Ou seja, o negro que chegava ao Brasil sem a marca, necessitaria de batismo na chegada e ao mesmo tempo poderia indicar um negro contrabandeado, que não tinha passado pelos trâmites legais estabelecidos pela coroa portuguesa ao comércio escravocrata.

No Brasil os negros de diversas etnias foram colocados no mesmo local de trabalho e moradia. Diferentes culturas, deuses diversos tiveram que conviver num mesmo espaço, que se tornava por imposição, híbrido. Os terreiros que estavam ligados às senzalas passaram a ser os espaços de encontros e sociabilidades, onde os escravos em alguns poucos momentos durante sua vida de trabalho podiam se relacionar e falar de seu passado na África. Sem dúvida estes espaços se tornaram locais de resistência, visto que o negro percebeu que não poderiam manter aqui no Brasil as mesmas disputas e conflitos que mantinham na África durante séculos. Aqui o inimigo era comum. Nestes terreiros fugas foram arquitetadas, quilombos foram desejados, motins contra capitães-do-mato se concretizaram, a capoeira se estruturou com luta e não apenas como dança, os ritos se fundiram, os Orixás se encontraram e um catolicismo popular brasileiro se tornou vivo entre os negros.

Mesmo diante desta união dos negros nestes espaços, a coroa portuguesa e por extensão os senhores de escravos, buscavam incentivar as desuniões e

Embora obrigassem os escravos aparecerem católicos, fechavam os olhos, quando os escravos de cada tribo faziam, escondidos, seus cultos e batuques africanos. Permitindo que cada grupo de escravos conservasse uma parte de seus costumes e de suas religiões africanas, faziam com que eles não esquecessem as divisões e inimizades entre as tribos. A Igreja protestava contra essa permissão, não porque quisesse ver os cativos unidos contra os senhores, mas porque queria que a religião católica fosse a única. Quando a Igreja fazia isso, sem saber, podia estar ajudando os negros a esquecer suas desavenças e a reconhecerem que eram todos irmãos no mesmo cativo. (REZENDE, 1987: 124)

O que podemos contatar é que esta necessidade de união de diferentes negros e de suas culturas, colaboraram para termos no Brasil uma das mais complexas formas de religião e de religiosidade de todo o mundo. Nossa diversidade de cultos e ritos, até mesmo dentro do catolicismo, nos coloca diante de práticas que não podem apenas sugerir, mas que necessitam de estudos que aprofundem estas hibridações e suas consequências no campo religioso nacional.

Da mesma forma que os negros mantiveram suas práticas através do culto dos Orixás iorubanos, também viram nas aproximações, inicialmente imagéticas, dos santos católicos uma forma de diminuir a perseguição que sofriam e que de alguma forma dava a eles uma liberdade de ir e vir, como por exemplo, as missas dominicais e descanso nos dias santificados e nas festas católicas. Por conta das flechas São Sebastião se aproximou de Oxóssi (deus da caça), Santa Bárbara por possuir uma espada em sua imagem (espada de seu martírio) foi associada a Iansã (deusa guerreira e dona dos raios e ventanias), São Cosme e Damião por serem gêmeos e uma aparência infantilizada foram associados a Ebejis (deuses crianças e irmãos) e assim muitos outros, como apontam os estudos de Pierre Fatumbi Verger, no clássico trabalho “Orixás: deuses Iorubás na África e no Novo Mundo”.

Outros santos católicos foram apreendidos pelos escravos como próximos a eles e que ajudavam a superar as vicissitudes do cativo, entre eles podemos citar São Benedito e Nossa Senhora do Rosário. Desta falaremos mais a frente. Já São Benedito está diretamente ligado a sua cor negra. Neste ponto novamente insisto que as relações estabelecidas entre os negros no Brasil e as divindades se deu primeiramente pela observação de características nas imagens que lhes eram familiares. Não conheciam a história de São Benedito, mas sua cor já era suficiente para que fosse respeitado e cultuado entre os escravos.

Nestes espaços de disputas e de resistências, o respeito a ancestralidade era determinante para a vida dos cativos. Mesmo que os guerreiros estivessem sempre elaborando planos de fuga, o conselho dos mais velhos era sempre o ponto chave para se tomar a decisão final. Tornar-se um negro velho vivendo nas condições inóspitas, tanto na África como no Brasil escravista, no mínimo deveria ser festejada. Estes anciãos tinham um poder significativo, aconselhando o não conflito, como incitando a fuga quando considerava a melhor alternativa. Ao morrerem continuavam sendo cultuados da mesma forma que na África se faziam com os mortos. O mundo dos vivos e o dos mortos faziam parte do mesmo universo.

É nesse contexto que o preto-velho vai ocupar um lugar de destaque na hierarquia umbandista.

Segundo a crença os pretos velhos evoluíram através da dor, do sofrimento e do trabalho forçado. Ao mesmo tempo em que sofria, resignava-se, e assim, dizem os seguidores da Umbanda, alcançou em sabedoria e generosidade o que outras entidades não conseguiram. Ao mesmo tempo em que com sua dolorosa vivência na senzala o fez evoluir, também aparecem nas letras dos pontos cantados (cantos destinados a salvar, homenagear e identificar as entidades de Umbanda), certo conformismo em relação a escravidão, como se os problemas

fossem resolvidos com a ajuda do sagrado e não pelas lutas de libertação empreendidas pelos próprios negros. Podemos citar este ponto:

*Preto velho na senzala
 Padeceu, padeceu
 Preto velho não chorava
 Só dizia: aí meu Deus
 Aí meu Deus. (EDITORA ECO, 1974: 103)*

Para este artigo, analisei 301 pontos cantados e 396 pontos riscados (símbolos que identificam a entidade, como se fosse sua assinatura) de pretos e pretas velhas. É a partir destes textos escritos e visuais que pretendo entender como os pretos velhos se mostram aos adeptos da Umbanda e ao público em geral.

Os pretos e pretas velhas são conhecidos principalmente por pai (Pai Tomé de Luanda) /mãe (Mãe Maria), vovô (Vovô Zé Baiano) /vovó (Vovó Maria Rosário) e até tio (Tio Antônio) /tia (Tia Alexandrina). Isto dá a eles um lugar privilegiado na família de santo, como são chamados os membros dos rituais umbandistas, ou seja, aqueles que nos próprios nomes demonstram experiência e por isso devem ser respeitados. Neste sentido o nome também vai designar que estes pretos e pretas velhas possuem uma sabedoria construída pelo tempo e pela experiência. Outro fator que determina as designações nominalistas são as condições e atuações que estes negros e negras possuíam na senzala. O pai (reprodutor), mãe (reprodutora), vovô e vovó (os mais experientes, os sábios, que detém o conhecimento das magias e da manipulação de ervas) e tios e tias (como muitos filhos eram separados das mães e pais, muitas crianças tornavam-se órfãos de pais vivos, e cabia a outros negros e negras criarem estas crianças e eram conhecidos como tios e tias). O mundo da senzala invadiu a Umbanda e suas sensibilidades.

Normalmente são nomes de santos católicos, acrescido de designações de lugar, fazenda, região, ou dos elementos que o identificam, como Pai Joaquim de Angola, Pai João de Aruanda, Vovó Maria Conga, Pai André do Cruzeiro, Vovó Maria Bahiana, Tia Maria Calunga, Vovô Zé da Pemba, entre muitos outros.

Estas entidades baixam (incorporam nos médiuns) nos terreiros sob a vibração principalmente de dois Orixás (Oxalá e Omulú), mas podem se manifestar na vibração de todos os Orixás, com exceção de Exu e Ebeji (crianças).

Voltando aos pontos cantados, percebe-se em muitos deles realmente o apagamento das lutas dos negros pela liberdade, retomando as próprias vivências africanas que mesmo em atos humanos de descobrimento e reelaboração de práticas de evolução técnica, nomeavam os

deuses e/ou os Orixás como os responsáveis diretos por estas melhorias estruturais. Num dos pontos analisados isto fica claro em relação a libertação dos escravos:

*Estava na beira da praia
Lá no céu deu um clarão
A ordem era de Aruanda
Livrando preto da escravidão
Foi de Oxalá a ordem suprema,
Mãe Yemanjá quem mandou
Meu Pai Xangô escreveu lá na pedreira
Pai Ogum cumpriu a ordem,
Pai Oxóssi confirmou.
Hoje eu tenho alegria
Preto Velho hoje é sinhô (EDITORA ECO, 1974: 104)*

A ancestralidade aqui novamente aparece de forma contundente e o culto aos Orixás como detentor de uma africanidade no Brasil.

Uma das discussões mais atuais nas rodas de intelectuais de Umbanda e de militantes umbandistas é a mudança da data em que se comemora o Dia de Preto Velho. Atualmente é dia 13 de maio, mas estes militantes propõe a mudança para 20 de novembro, dia da morte de Zumbi dos Palmares que ocorreu em 1695. Independente das datas os pontos cantados não mudarão, ou seja, Zumbi não aparece como o libertador, e sim os Orixás.

Outro traço que os pretos-velhos carregam da ancestralidade africana são os códigos dos presságios e a sabedoria em prever o futuro de maneira que os coloca como detentores de poderes que os brancos escravocratas jamais teriam:

*Seu doutorzinho,
Quer que chame de doutor.
É desaforo,
Cativeiro já acabou.
Branco sabe ler,
Branco sabe escrever,
Mas não sabe o dia em que morre,
O preto é quem vai dizer. (EDITORA ECO, 1974: 104)*

Estes pretos velhos são recebidos nos terreiros de Umbanda como aqueles que detém maiores condições de dar conselhos e de resolver problemas de saúde e emocionais. Sua experiência em vida o credencia. Isto fica claro em dois pontos. O primeiro o Ponto de Pai André do Cruzeiro:

*No Cruzeiro do Campo Santo,
Um velhinho trabalhava
Chorando com contrição
Se do cativeiro lembrava.
Pai André foi sofredor,
Na mão do branco senhor,
Hoje em dia na Umbanda
É o nosso salvador. (EDITORA ECO, 1974: 105)*

E o Ponto de Pai Carlos do Rosário:

*As almas benditas e santas
Deram a sua bênção
Pai Carlos do Rosário
Trazei-nos a salvação. (EDITORA ECO, 1974: 107)*

Os pretos e pretas-velhas não se propõem a vingança. Aos seus algozes do passado é recomendado a caridade. Sem dúvida, é a entidade de Umbanda mais conhecida de sul a norte do país, e também a mais procurada nos terreiros umbandistas. Sua postura curvada, passos lentos, utilização do cachimbo e de bebidas doces (cachaça com mel ou melado, vinho suave), uso de alguns utensílios que os auxiliam em suas práticas, compõe a visualidade e as sensibilidades inerentes a estas entidades. Sentados em seus banquinhos ou troncos de árvores, recebem a todos com humildade e não se recusam a dar conselhos e a receitar remédios caseiros. Sua festa é sempre uma das mais concorridas, onde após o ritual são distribuídos aos presentes feijoada com farofa e outras iguarias, e assim busca-se manter a tradição onde o alimento se torna o Axé do Orixá, neste caso o Axé de Preto Velho.

Analisando os pontos riscados (396), pudemos observar que alguns signos são muito recorrentes e que remetem as próprias características dos pretos-velhos.

O primeiro elemento bastante presente é a cruz. Dos 396 pontos analisados a cruz aparece em 310. Em muitos pontos elas aparecem várias vezes, e de formas diferentes. As vezes bem elaboradas e em outros apenas um traço vertical e outro horizontal, sem mais nada. A cruz simboliza o sofrimento que passaram, sendo que na África lutando contra um território inóspito e no Brasil no padecimento na senzala. Ao mesmo tempo a cruz é um símbolo clássico do cristianismo, reforçando que os pretos-velhos são absolutamente híbridos em suas práticas e crenças. Ancestralidade africana e cristandade ocidental fazem parte de sua existência e de sua textura cultural.

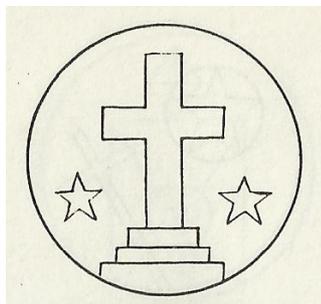


Imagem 1: Ponto Riscado de Vovô Domício de Aruanda

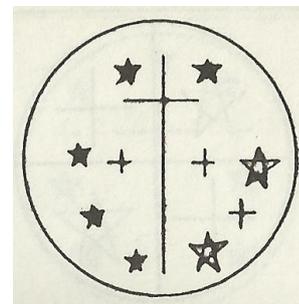


Imagem 2: Ponto Riscado de Pai Feliciano

A visibilização da elevação espiritual dos pretos e pretas velhas fica evidente nos pontos riscados. A estrela, marca de elevação e de designação especial, está presente em 215 pontos dos 396 analisados. Não há outro Orixá em que estrela apareça mais repetidamente do

que nos pontos de pretos-velhos. Estrela da sabedoria, do que sabe o seu lugar e ocupa de forma singela, ela sempre está lá, mesmo deixando de aparecer durante o dia. Os pretos-velhos sempre estão presentes, mesmo que não sejam vistos, é assim que a estrela passa a compor a assinatura destas entidades.

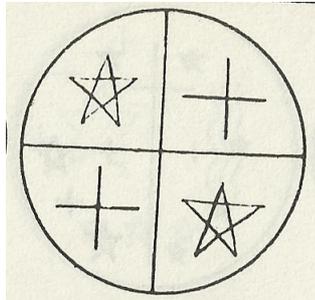


Imagem 3: Ponto Riscado de Pai José

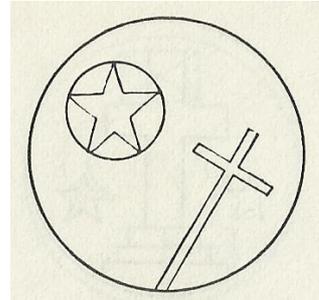


Imagem 4: Ponto Riscado de Pai Feliciano

A saída da África e a passagem pelo Atlântico também são destacadas em seus pontos. As ondulações que representam este mar, e em alguns casos até mesmo as grandes ondas, foram percebidos em 53 pontos riscados. A permanência destes sinais mantém em constante lembrança de onde vieram e por onde passaram. O mar que leva e que purga, também é o mesmo que conduz ao cativo. O mar da morte e do renascimento.

Ainda em relação ao mar, os negros da África Atlântica tinham respeito e temor em relação a ele. Da mesma forma que trazia comida, também era o grande cemitério (“Kalunga” – nome dado nos rituais umbandistas para o cemitério. “Kalunga Grande” na Umbanda significa “mar”), era o local onde muitos ancestrais estavam “enterrados”. Esta identificação do mar com o cemitério se ampliou quando das notícias de que os negros que morriam durante a travessia do Oceano Atlântico eram atirados ao mar. E não eram poucos que morriam antes de chegar ao Novo Mundo.

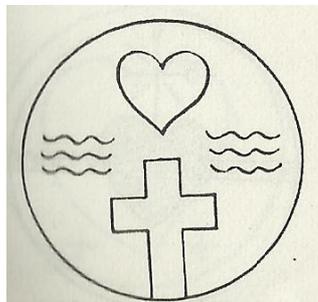


Imagem 5: Ponto Riscado de Pai Jose de Angola

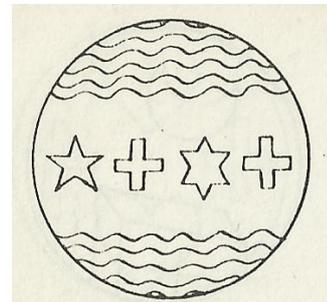


Imagem 6: Ponto Riscado de Tia Sarita

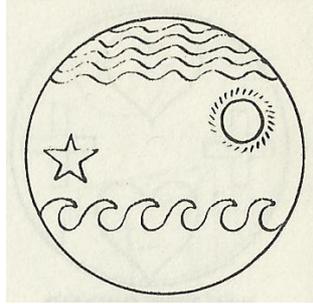


Imagem 7: Ponto Riscado de Vovô Mariano

O último símbolo que quero destacar é o rosário ou as contas. Eles aparecem em 51 pontos. O rosário cristão se confunde com as contas do “Òpelè-Ifá” ou “Rosário de Ifá”, que é um instrumento divinatório dos tradicionais sacerdotes de Ifá (Ifá é o porta-voz de Orumilá e de outros Orixás). Vale lembrar que o culto dos negros a Nossa Senhora do Rosário, se deve também ao paralelismo estabelecido entre o rosário desta Nossa Senhora e o Rosário de Ifá, obviamente já conhecido por muitos negros. Por isso, sempre insisto que o culto dos negros a Nossa Senhora do Rosário é ao mesmo tempo adaptação e resistência.

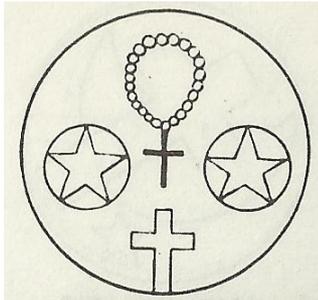


Imagem 8: Ponto Riscado de Vovô Manuel

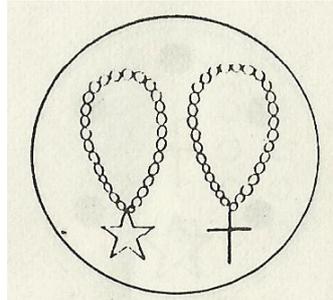


Imagem 9: Ponto Riscado de Pai Frederico

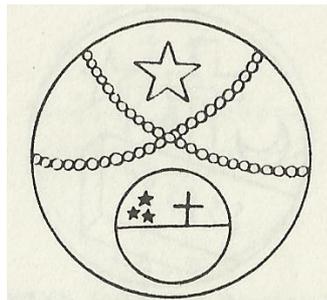


Imagem 10: Ponto Riscado de Pai Otávio

A Umbanda e seus pretos velhos nos possibilitam entender a diversidade da cultura brasileira e como as hibridações e, para muitos mestiçagens, compõe as sensibilidades que estão presentes nas práticas dos umbandistas, mas muito mais nos auxiliam a pensar os discursos que se forjam nos terreiros e na historicidade destas práticas que são sociais e que são apropriadas como campo de estudo da cultura.

São nos terreiros de fundo de quintal que me debruço e não nos grandes espetáculos que as religiões de matrizes africanas em muitos lugares se transformaram. Buscar nos pontos cantados e riscados, nos gestos, nos objetos, nos cheiros, nas imagens, nas texturas do espaço e dos corpos, nas composições dos congás, nas danças e posturas e nas relações de cumplicidade das famílias de santos que busco penetrar no universo da cultura e dos “lugares opacos e teimosos” (CERTEAU, 1996: 309). Através de suas sensibilidades e dos documentos não tradicionais, como os pontos riscados e cantados, e com a contribuição da História Oral podemos penetrar neste universo de religiosidade e expectativas, onde o passado e o presente se tornam a mesma coisa e são vivenciados no mesmo espaço e no mesmo tempo.

E termino com a saudação aos pretos velhos proferida na maioria dos terreiros de Umbanda no Brasil e que demonstra a multiplicidade do culto e suas referências: “Salve Jesus Cristo e Nossa Senhora... Salve os Orixás... Saravá o Preto Velho... Adorei as almas”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1996.

CONCONE, MARIA HELENA Villas Bôas. Caboclos e Pretos-velhos na Umbanda. In: PRANDI, Reginaldo (org.). **Encantaria Brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados**. Rio de Janeiro: Pallas, 2004, p. 281-303.

EDITORA ECO. **3000 pontos riscados e cantados na Umbanda e no Candomblé**. Rio de Janeiro: Eco, 1974.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. **Entre a cruz e a encruzilhada**. São Paulo: Edusp, 1996.

REZENDE, Maria Valéria. **Não se pode servir a dois senhores: história da Igreja no Brasil – período colonial**. São Paulo: Paulinas, 1987.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Orixás: deuses iorubás na África e no Novo Mundo**. São Paulo: Corrupio, 1981.